

o problema do fóssil

Paulliny Tort¹

– Tudo bem. Vou providenciar outro incêndio para a sobremesa.
Norwegian Wood, Haruki Murakami

Há quatro milhões de anos, não existia o istmo do Panamá. A América do Norte e a América do Sul estavam separadas, sua fauna e sua flora não se comunicavam. O intercâmbio só aconteceu depois que um pedacinho de terra se formou entre o mar das Caraíbas e o oceano Pacífico, ligando os dois continentes. Antes não. Antes aqui eram só os bichos e as plantas do sul. Outro dia, Rafael me falou do fóssil que o pessoal do laboratório de geologia marinha encontrou na praia, mais precisamente um pedaço de osso. Havia aparecido numa região onde as ondas cavam a plataforma submersa lançando na areia milhares de conchas. Como esse mar já foi terra firme, às vezes as ondas também cospem restos de animais terrestres que viveram ali há muito tempo, extintos. Rafael, que é estagiário no laboratório, disse que o fóssil parece uma pedra negra e que um leigo o tomaria por nada, embora seja um fragmento da tíbia de uma preguiça-terrácola. Essas preguiças eram bichos muito grandes. Desde que tocou o osso fossilizado, Rafael não pôde mais acreditar em deus, o que o levou a questionar o propósito da vida como um todo. Que ser superior criaria seres tão magníficos para o desaparecimento? Foi o que me disse no domingo à noite, enquanto eu perdia para ele uma partida de xadrez. Rafael tem passado bastante tempo no quarto e só se alimenta de Miojo, biscoito de chocolate e Coca-Cola. Dividimos apartamento, conheço sua tendência à melancolia, ao pessimismo, mas sofrer por um fóssil é a primeira vez. Luan, meu

¹ Escritora, jornalista e mestre em comunicação e sociedade pela Universidade de Brasília. Publicou o romance *Allegro ma non troppo* (Oito e Meio, 2016) e o livro de contos *Erva brava* (Fósforo, 2021). Email: paullinytort@gmail.com.

namorado, enrola o espaguete no garfo e ri. Diz que Rafael nem apara mais a barba, parece um profeta, um hippie, um mendigo, deve estar ficando doido. Os colegas que almoçam conosco também riem, imitam a forma com que Rafael chega atrasado às aulas, com cara de chapado, e lembram que ele andou por aí com a barba suja de farelo de pão. Nunca entendi o motivo de nossos colegas não gostarem muito do Rafael, que não é desagradável como pintam, mas inteligente e, apesar de meio preguiçoso, fácil de conviver. Talvez sejam os mesmos motivos para que não gostem muito de mim, por isso, eu não os perceba.

Luan tem os lábios besuntados de molho. Estão brilhantes da gordura que sobressai aos demais ingredientes. No meu prato, milhões de bolsinhas de óleo trafegam num soro róseo, em torno de um emaranhado de espaguete. Mas o Rafael já não era ateu? Ele pergunta com deboche, rindo ainda, antes de limpar a boca no guardanapo. Não, Rafael cresceu em família espírita, respondo. Isso, Luan respeita. A mãe e o pai dele também são espíritas e inclusive creditam a concepção do único filho a um tratamento espiritual que fizeram após um diagnóstico de infertilidade. Eu conheço essa história, mas acho que ninguém aqui mais conhece, de modo que ele pigarreia e mudamos de conversa. Falamos do macarrão, reclamamos que está cozido demais, que está gorduroso, quase berramos que não há um só dia que esse Restaurante Universitário não erre. Parece até que se esmeram em estragar as receitas, que querem nos punir com essa culinária de exército. Como o frio avança, os ventos do quadrante sul sacodem os vidros das janelas do refeitório, mas o som é abafado pelas vozes de pelo menos uma centena de estudantes. Há um cheiro quente de amaciante de roupas, carne cozida e molho de tomate no ar. As paredes, laqueadas em tom de ocre, sustentam um revestimento antigo, talvez da década de 1970. É um restaurante cor de cocô. Assim que termina de comer, a maioria sai para tomar café e para fumar lá fora. Dos conhecidos, apenas eu, Luan e o carinha com quem ele divide apartamento permanecemos à mesa. Esse carinha já saiu para fumar duas vezes.

Um pouco mais à vontade, volto a falar sobre o problema do fóssil. Rafael deixou de compreender o que nos motiva a estudar e comer e dormir e acordar e trabalhar, dar o melhor de si, se o fim é comum a todos. Não acho que seja um pensamento absurdo. Também eu tenho as minhas questões e, para citar um

exemplo, não saberia mensurar o valor da vida da euglena que vi explodir à luz do microscópio no meu primeiro dia de aula na universidade. Eu a vi se desesperar sob o calor da lâmpada, como um cachorro ou um gato se desesperaria, enquanto o vacúolo pulsava, pulsava, a superfície do corpo inteiro trêmula, o flagelo em disparada, até que pum! Deu-se a explosão e se espalharam as organelas daquele pequeníssimo animal transparente. Sim, nós humanos somos dotados de um tipo de consciência muito particular, mas a consciência humana não é condição para a vida. A preguiça-terrícola viveu por milhares de anos sem essa consciência. E há quanto tempo existe a euglena? Entendo Rafael. Já me disseram que chegamos a um nível tão complexo de cooperação que este seria nosso trunfo, a capacidade de mobilização social em torno de um propósito, mas com quem cooperamos? Porque os charruas foram mortos nos campos do sul feitos ratos. Na biblioteca, esbarrei num livreto que contava que os últimos deles, sobreviventes de um massacre na primeira metade do século XIX, foram levados à Paris numa viagem que objetivava supostos estudos científicos, mas, uma vez na França, terminaram apresentados numa tenda por cinco francos a entrada. Venham ver os últimos antropófagos do novo mundo! À nação charrua, que assim como a preguiça-terrícola desapareceu, resta apenas a homenagem patética de ter no Rio Grande do Sul um refrigerante sabor guaraná com esse nome. Pois me digam a diferença. Eu, a euglena, a preguiça, os charruas... Por isso, entendo, sim, quando Rafael diz não enxergar sentido. Tememos a morte, mas ela nos irmana. Nunca vou me esquecer da violência da euglena estourando, resmungo dentro do copo antes de beber um resto de suco. Pelo silêncio deles, percebo que falei demais. Luan arranca um chumaço de miolo de pão, enfia na boca e me observa como se eu tivesse quatro anos de idade. Era só uma euglena, elas morrem o tempo todo, sabia? Ele fala com as bochechas cheias, sem considerar que também nós morremos bastante, na razão de duas pessoas por segundo. Luan é um idiota feliz. E sua felicidade idiota às vezes me cansa. Largo os talheres no prato e saio da mesa.

O R. U. agora está vazio e começaram a recolher o que sobrou do macarrão, deixando apenas os pães e as bebidas. Sirvo mais um copo de suco, volto e meu namorado se levanta para se servir de um copo de leite. Acho esquisito beber leite depois do almoço, mas nunca comento nada. Junior, seu amigo de apartamento, um

catarinense sarapintado de sardas, anda nervoso porque a menstruação da menina com quem tem se enrolado atrasou. A menina é minha vizinha, estudante de enfermagem, mora só no apartamento debaixo do meu, embora tenha dois quartos. Nos últimos dias, sempre que presto atenção em Junior, ele está roendo as unhas e sacodindo as pernas, com os olhos esbugalhados naquela carona branca. Ele me pergunta se tenho notícias da vizinha, que se chama Bruna. Respondo que não a vi hoje, saí muito cedo. Quando Luan volta, encerramos o assunto. Junior usa um relógio digital desses de camelô, no qual aperta um botãozinho minúsculo para acender uma tela esverdeada. Assim que a luminosidade arrefece, ele ergue a cabeça e olha para nós: já estamos em junho e ainda não entendi essa história de bug do milênio. Ele não sabe o que teria acontecido de diferente no ano novo para ocasionar uma catástrofe na internet. O que há entre 1999 e 2000 que faça tanta diferença? E mais, se a internet acabasse, o que aconteceria? Alguma coisa deixaria de funcionar na bolsa de valores e pronto. Meu namorado argumenta que não é bem assim e começa a falar de uma aula que teve em Massachussetts, nos seus tempos de *high school*, porque lá nos Estados Unidos eles são muito ligados em tecnologia. Quando ele tira da mochila um caderno para rabiscar a explicação, minha cabeça voa longe. Penso no Rafael, na tristeza com que ele fala da preguiça-terrícola, do mastodonte, do tigre-dente-de-sabre e do gliptodonte, um tatu com três metros e meio de comprimento que achamos fantástico. Rafael tem pena da beleza e eu entendo, entendo de verdade, mas, por causa dessa paixão toda, temo entrar em casa e encontrá-lo morto. Luan diz vamos e me levanto erguendo a mochila do chão, um pouco nauseada. Culpo a comida do R.U. A culpa de todos os males da Terra é a comida do R.U. Vai ver as preguiças-terrícolas se extinguíram porque almoçavam aqui.

Assistimos os três à aula de bioquímica e depois eu e Luan pegamos um ônibus. Assim que nos sentamos, ele comenta que Junior está aborrecido, pois, na perspectiva dele, era obrigação de Bruna ter tomado pílula ou feito qualquer troço para evitar essa situação. E por que ele não usou camisinha? Luan ergue e abaixa os ombros. Pois Junior é um grandessíssimo de um folgado, digo. Quando descemos no terminal, pergunto o que meu namorado pensa a respeito disso. Ele titubeia antes de responder que há semanas não conversam direito, já que tem passado quase todas

as noites no meu apartamento, comigo e com Rafael, mas que realmente Junior não está certo. Fazemos o restante do caminho até meu prédio em silêncio. Nos degraus da escada, onde os sons reverberam, procuro as chaves no bolso da mochila. Abro a porta de casa e sinto cheiro de um incenso queimado na noite anterior. Há dois cadernos e um cinzeiro cheio no braço do sofá, um par de meias de chão, um copo sujo em cima de uma cadeira. Penduro as chaves num prego. Dez mil anos atrás, esse mar que vemos da varanda era uma planície habitada por gigantes. Se uma preguiça-terrícola aparecesse agora, colocaria a cara na janela e nos veria sob a perspectiva de uma criança que brinca com uma casinha de bonecas. Eram os maiores mamíferos do continente, mediam sete metros de altura. Rafael? Chamo vendo que a porta do quarto dele está aberta, a luz apagada, a cama em desordem. Meu coração acelera. Antes de avançar outro passo, descubro no aparador um bilhete curto, com a caligrafia dele. Avisa que foi assistir a um filme na casa de uma amiga, ex-namorada do meu namorado, porque somos uma ciranda. Respiro um alívio, Luan me pergunta o que foi. Como sempre, esse feliz não percebe.

Fazemos as coisas de hábito. Comemos iogurte com granola, namoramos, tomamos banho e vamos ao supermercado logo que anoitece, para comprar uma lasanha congelada e uma garrafa de vinho tinto. Na fila do caixa, encontramos Junior pagando um maço de cigarros. Diz que conversará agora com Bruna, para saber do teste de farmácia que ela comprou, se comprou, e para deixar claro que infelizmente eles não são nem jamais serão um casal. Pelo visto, Junior quer que eu tenha essa informação. Saímos os três do supermercado, ele fumando sem parar. Mal completou vinte anos e já tem os dentes e as pontas dos dedos tão amarelos quanto um filtro de Marlboro. Caminhamos sem pressa, sentindo os grãos de areia que se desprendem das dunas e choviscam com o vento. Depois que Junior joga a bituca no jardim, abro a portaria e subimos as escadas. No andar de baixo, ele toca uma campainha. Não demora e Bruna abre, sorrindo desengonçado. Olha para nós por cima do ombro dele, abana um tchauzinho e o convida a entrar. Os dois desaparecem atrás da porta fechada. Lamentamos por ela, eu e meu namorado, e continuamos a subir as escadas.

A antiga planície costeira se transformou em mar e realmente nada além de uns poucos ossos resta daquela megafauna imponente, paixão de Rafael. Talvez as

mudanças climáticas a tenham matado, talvez a competição com a fauna vinda do norte após a formação do istmo do Panamá, talvez uma sucessão de epidemias, vírus, bactérias, vermes. Ninguém sabe. No lugar daqueles bichos imensos, hoje somos nós que vivemos aqui. Eu, Luan, Junior, Bruna, gente que pode discutir a possibilidade de um aborto clandestino. Junior não usa camisinha e espera o quê? Digo enquanto coloco a lasanha no micro-ondas, com um pano de prato pendurado no ombro. Luan pega os talheres, as taças, serve a mesa na sala. Quando chego com a bandejinha fumegante, as mãos protegidas em luvas de algodão, ele suspira em clima de confessorário, os olhos se perdendo pelos cantos, e revela que o problema de Junior é Bruna, quer dizer, não ela, mas o fato de ser negra. Sei que Bruna não tem irmãos e vem de uma família mais ou menos endinheirada do interior, caso semelhante ao de Luan. Sei que o pai dela é engenheiro e tem uma empreiteira, sendo o único negro patrão de branco em uma cidadezinha de alemães. Mas a família italiana do Junior, que é pobre, não aceitaria uma criança negra, pouco importando a riqueza da mãe. É o que Luan me conta. Além disso, Junior mesmo não deseja dar o que chamou de “esse desgosto” aos avós, que seriam muito trabalhadores e velhinhos. Meu queixo despenca quatro andares. Como você pode dividir apartamento com uma pessoa dessas, Luan? Ei, não estou dizendo que concordo com nada disso! E me sinto alienada por não ter percebido, por não ter enxergado o que agora me parece óbvio. Aviso que contarei à vizinha. Ele primeiro se espanta, mas logo reconhece que não pode me impedir. Ela precisa saber, repito. Vai ser terrível, mas ela precisa saber. Encosto na varanda com a taça nas mãos, vendo as luzes dos navios pesqueiros que orbitam os molhes da barra. Essas luzes são tão bonitas que me dão vontade de chorar, e choro.

As espécies dos tempos da preguiça-terrícola desapareceram todas, menos os cervos, que ainda andam por aí e são praticamente iguais aos de antes. De tantos animais extraordinários, sobreviveu o que qualquer um, tomando pela aparência, julgaria mais frágil. Que diabo tem um cervo para ser tão resistente? Luan me chama para dormir, amanhã temos aula cedo, mas continuo pela varanda. Fico acordada vigiando o passado e faço isso por horas. No apartamento de Bruna, as luzes ainda estão acesas. O vinho me subiu um tanto e começo a chamar, primeiro baixinho, Bruna, Bruna, depois mais alto, Bruna, Bruna, e ela aparece. Desponta

sorridente na janela, saindo de alguma conversa, em nada abalada e aquilo me surpreende, não é possível que esteja às boas com Junior. Pergunto se está tudo bem. Ela faz que sim com a cabeça, então, por trás dela, surge Rafael. É um espanto de segundos, que dura até ele me cumprimentar com a voz grave. Ah, pensei que você estivesse na casa da... A Bruna também foi, aí a gente voltou junto. Concluo que ele já estava ali quando Junior bateu à porta e penso que deve ter sido uma situação bem estranha. Rafael ergue um copo de cerveja e desaparece no interior do cômodo. Engulo saliva, sorrio engasgado. Bom, divirtam-se, boa noite. O tom da minha voz é como aquele da mãe confrontada com a pergunta sobre a origem dos bebês e sinceramente não sei por que isso me constrange. Bruna apoia as mãos no batente e me diz para deixar de ser ciumenta. Que ciumenta? Contesto, mas ela ignora. O Rafa é meu amigo, boba, a gente só tá conversando, aliás, desceu. Ela dá um gritinho de felicidade. Desceu! Bruna me atira um beijo e fecha o vidro, girando com destreza um ferrolho mastigado pela maresia. Não os vejo mais. Na escuridão, reconheço a fachada do prédio, cinza como as nuvens, escura como o mar. É tarde e as janelas da casa de bonecas da preguiça-terrícola estão todas fechadas, exceto a minha varanda. Sirvo a última taça de vinho e me estico numa velha cadeira de praia, dura de ferrugem. Cruzo os pés para cima, no parapeito. Mesmo tremendo de frio, não cogito entrar para pegar outro casaco. Longe, os navios parecem estrelas no oceano.